

O ROUBO DAS FLAUTAS SAGRADAS PELAS MULHERES, NUMA PERSPECTIVA DE MITO E REALIDADE E A RELAÇÃO COM O ENSINO DE CIÊNCIAS

Maria do Livramento Galvão¹⁶
Marcos Frederico Aleixo Kruger¹⁷
Maria Auxiliadora de Souza Ruiz¹⁸

(Recebido em 30/04/09; aceito em 30/07/09)

RESUMO: Este trabalho apresenta o mito “O roubo das flautas sagradas pelas mulheres” retirado do livro com o título *Antes o mundo não existia*, numa perspectiva de análise baseada nas leituras de *Mito e realidade* de Mircea Eliade. Far-se-á uma ponte entre os saberes amazônicos explorados durante as aulas da disciplina Mitos e Saberes Populares Amazônicos em conexão com Mito x Realidade de Celdo Braga. É importante salientar que não se trata de uma análise de dimensão literária, mas de dimensão interpretativa acerca das discussões realizadas durante o processo de conhecimento sobre o Mito representando a expressão cultural de um povo, de uma etnia ou sociedade, aspectos relacionados ao ensino de ciências na Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Mito e Realidade; expressão cultural; Ensino de Ciências.

RESUMÉ : Cette communication présente le mythe “Le vol des flutes sacrées par les femmes”, retrait du livre sur le titre *Antes o mundo não existia*, dans une perspective de l’analyse fondée dans

¹⁶ Mestranda do Programa de Pós-graduação do Mestrado em Ensino de Ciências na Amazônia. UEA

¹⁷ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação do Mestrado em Ensino de Ciências na Amazônia. UEA

¹⁸ Professora Doutora do Programa de Pós-graduação do Mestrado em Ensino de Ciências na Amazônia. UEA

les lectures de “*mythes et réalité*” de Mircea Eliade. Nous construisons un pont de savoirs populaires amazoniens, exploités pendant les cours mythes et savoirs populaires amazoniens en connexion avec mythes x réalité de Celdo Braga. C’est important remarquer que ce n’est pas une analyse de la dimension littéraire, mais de la dimension interprétative relativement aux discussions réalisées durant le processus de connaissance sur le mythe, dans l’expression culturelle d’un peuple, d’une ethnie ou d’une société, tout ça, en relation avec l’enseignement des sciences.

Mots-clés : mythe et réalité ; expression culturelle ; enseignement des sciences.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo cercado por mitos que nos levam a compreender os acontecimentos atuais. Em nossas vidas diárias, os mitos se manifestam, seja sobre atos religiosos na cultura de um povo. Os mitos nos remetem a buscar nossa origem, explicam os acontecimentos culturais e nos propiciam um entendimento sobre comportamentos e costumes de nossa gente.

Este trabalho se apresenta como um convite à interpretação do mito “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres,”¹⁹ numa expectativa de construção do pensamento entre Mito e Realidade abordado por Mircea Eliade, em consonância com as idéias de Celdo Braga, compositor amazonense que contribuiu com sua vivência amazônica na elaboração do pensamento mítico desta região.

Configura-se neste trabalho, uma pequena relação de trechos do mito “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres” com nossa visão compreendida do que seja o mito, como ele pode ser inserido no ensino de ciências na Amazônia, numa perspectiva de resgate das características mitológicas sobre a nova influência econômica e mercadológica que marca a sociedade globalizada e tecnológica, contribuindo para a perda de sua essência e de seu valor.

2. O QUE É O MITO

¹⁹ In.: PĂROKUMU, Umusi & KEHÍRI, Tõrãmu. *Antes o mundo não existia; mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã*. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT / FOIRN, 1995.

Consideremos que o mito apresenta em seu bojo, suas variadas interpretações: na linguagem comum, a palavra mito muitas vezes equivale a uma narrativa não-verdadeira. Em outra perspectiva, o termo é usado como sinônimo de “história fictícia”, por outro lado, enfatiza a relação com a realidade e constitui um fenômeno inevitável da cultura humana. Os mitos são narrativas integradas na consciência da identidade de sociedades humanas.

Na visão de Eliade *“o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”* (ELIADE, 1994, p. 11). Compreendendo, portanto, a idéia que, para as sociedades arcaicas, o mito era considerado uma história verdadeira, de caráter sagrado, hoje significa compreender melhor a realidade cultural de nossos antepassados.

Ainda na construção do pensamento de Eliade, compreende-se que:

O mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (ELIADE, 1994, p. 11).

A visão filosófica considerada pelo autor retrata ainda a concepção abrangente do que seja o mito, mostrando sempre a narrativa de uma “criação”. O autor relata como algo foi produzido e começou a ser, apresentando uma história sagrada e verdadeira, porque narra a realidade existente em algum lugar, tempo e espaço.

3. COMO O MITO PODE SE APRESENTAR

O Mito pode ser de caráter narrativo, procurando descrever a relação entre os fatos e as pessoas em seu momento histórico, apresenta a origem do Homem e do Mundo, tentando procurar conhecer a finalidade de sua existência.

Além de elucidar seu caráter pedagógico, o mito se preocupa em ensinar e transmitir a cultura e o convencimento de verdade, assim constituindo a representação da primeira etapa do conhecimento de uma realidade.

Daí o Mito pode vir suprir uma necessidade do próprio homem que é a de atingir dimensões inatingíveis através da Ciência ou da crença. Todos os seres humanos se sentem atraídos pelo mito, pois ele explica certas coisas, alguns fatos inexplicáveis, através de seus saberes científicos ou religiosos.

Os mitos estão presentes em todas as culturas, como relatos ou narrativas de origem remota, situando-se entre a razão e a crença. Os mitos contam e explicam o nascimento dos deuses (*teogonias*), a criação do mundo (*cosmogonias*) e o destino do homem após a morte (*escatologia*) e outros. Há mitos que procuram explicar ainda a origem, a posição e o destino de sociedades, de povos, do mal no mundo, etc.

O mito sobre a criação do homem, como ele chegou a adquirir as propriedades que hoje apresenta parece conter uma “intencionalidade”. Esta intencionalidade está presente no mito que apresenta “O roubo das flautas sagradas pelas mulheres” num contraste entre um mito de caráter patriarcal, aquele em que, define a organização de um grupo social, representado pelos homens, e evidência da coragem das mulheres, constituindo assim, uma compreensão de mito como um fenômeno universal.

Eliade (1994) afirmou, em meados do século XX, que o símbolo, o mito e a imagem são parte substancial da vida do espírito. Como tais, podem ser degradados, mutilados, mas nunca destruídos. Os símbolos e os mitos vêm de muito longe, pois são parte da existência humana no universo.

Eliade não separa, pois, o mito e o rito do *lógos*. O que o mito narra é alguma coisa em que reflete o destino do homem no cosmo. O mito exprime o homem na sua impotente, mas insaciável procura de realização.

Dessa forma, expõe que “*os mitos narram a origem do mundo, dos animais, das plantas, do homem. Narram os acontecimentos primordiais*” (ELIADE, 1994: 16), considerando assim, as origens da civilização humana e a verdadeira realidade da sabedoria primitiva, tradicional e contemporânea.

4. O ROUBO DAS FLAUTAS SAGRADAS PELAS MULHERES²⁰

Depois da queima de Gurãye, sabendo que cresceriam pés de paxiúba, a humanidade começou a buscar o lugar onde iria brotar. Os Umukomahsã, isto é, os Dessana, também procuraram o pé de paxiúba que devia lhes caber.

O Dessana que fez essa busca chamava-se Abe “Lua”. Ao encontrá-lo, cortou dois pedaços que levou para a sua maloca. Esta ficava no rio Papuri, abaixo da Missão colombiana de Piracuara que se chamava *Abewi’i* “Maloca do Lua”. Deixou-os no porto ao lado de uma árvore chamada em desana *nogēmũ*. Junto deixou um cipó chamado *sumuseame*, que serve como remédio para provocar vômito.

Foi para a casa e comunicou ao seu filho que, pela madrugada, ainda escuro, deveria ir ao porto para tocar as flautas sagradas (*tarusuwãigõã*). Mas o filho era muito dorminhoco e perdeu a hora. O pai tentava acordar continuamente, sem resultado. Nisso, despertaram as duas filhas de Abe que viram o pai tentando acordar o irmão, sussurrando-lhe alguma coisa no ouvido. Perceberam que falava de cipó e se ofereceram para buscá-lo. Não podendo disfarçar mais, Abe consentiu que elas fossem. As moças levaram o seu turi aceso e foram ao porto buscar o cipó.

Ao chegar lá, procuraram debaixo da árvore *nogēmũ* e viram dois pedaços de paxiúba que brilhavam como ouro.

— “Que beleza de paxiúba encontramos, disseram as moças, vamos levá-las”.

Mas os dois pedaços de paxiúba fugiam delas à medida que se aproximavam. Todavia, as duas conseguiram agarrá-los. Com as paxiúbas na mão, questionaram-se para que poderiam servir. Carregaram-nas para a beira do rio. Nisso vinham subindo os peixes. Eram os *Waimahsã*, isto é, a “Gente peixe”, que deviam ensinar ao filho de Abe como tocar as flautas. Ao ver as mulheres, voltaram.

Por fim, chegou o peixe *wayusoamũ*, o aracu de cabeça vermelha, que ensinou às moças como tocar as paxiúbas. Antes disso, elas haviam enfiado a paxiúba na própria vagina, procurando experimentar para quê poderia servir. O peixe

²⁰ mitologia dos antigos Desana-Kehíripõrã, 1994, na visão de Mircea Eliade.

wayusoamũ pegou os pedaços de paxiúba e começou a soprá-los. Aí mesmo, eles começaram a tocar. Então, agarrando-se neles, as duas moças disseram:

— “Agora que descobrimos a serventia deles, vamos tocar nós mesmas”.

E assim fizeram.

Abe zangou-se com o seu filho dorminhoco. Quanto às filhas, não voltaram para casa. Ficaram no porto tocando as flautas. Seu som foi ouvido em todo o universo.

Gente de toda parte se reuniu para comemorar, de novo, o dia do açoite, como fazia *Guramũye*. Ao chegarem, viram as mulheres donas das flautas. Afastaram-se aterrorizados, enquanto outras mulheres se aproximavam. Todas reunidas decidiram entrar na casa de Abe.

Eram cerca de dez horas da manhã. Abe e os homens todos varriam a casa e faziam todo serviço de mulher. Quando as mulheres entraram, Abe saiu e escondeu-se. Com ele saíram e se esconderam os homens todos. A casa encheu-se de mulheres com suas flautas sagradas. Nenhum homem se atreveu a entrar.

Só então os homens se deram conta de que as mulheres se apoderaram de suas flautas e ficaram irados. Xingaram o rapaz dorminhoco e disseram-se uns aos outros:

— “Pertenceram a nós primeiro e não às mulheres. Temos que reavê-las”.

Tiraram então do cerne da paxiúba *buhuñu*, usada para fazer pari de pesca, um pedaço com que construíram uma flauta chamada *barisērõbugu*. Deram pimenta ao filho dorminhoco de Abe para ele mastigar e mandaram-no cuspir uma saliva bem comprida. Agarraram essa linha de saliva da sua boca e o rapaz caiu fulminado. Com um rito, o ressuscitaram. A linha de saliva tornou-se o cipó *duhkameduhkari* que, partido em pequenos pedaços, foi usado para acompanhar a música da flauta *barisērõbugu*.

Ao terminar isso, experimentaram a flauta. Lançaram o som na direção do sul. O rapaz dorminhoco foi encarregado de tocar a flauta e os outros homens o acompanharam com os pedacinhos de cipó.

Em meio à música das flautas sagradas que se haviam multiplicado, tocadas pelas mulheres, uma das filhas de Abe escutou o som da flauta *barisērõbugu*, tocada pelo irmão. Para ouvir melhor, fez um gesto com a mão junto à orelha. Esse gesto derrubou o rapaz, que caiu morto.

Diante disso, os homens se irritaram mais ainda. Disseram que era preciso matar todas as mulheres. O primeiro a dizê-lo foi o sapo pará, que insistiu na matança. Todos acompanharam *Gõãmũ* no cerco à maloca tomada pelas mulheres. Os que tinham um instrumento na mão ficaram bem na direção da porta, embora longe.

Daí podiam enxergar as mulheres que estavam cobertas de enfeites, como se fossem homens. Colocaram a flauta *barisērõbugu* bem na direção da vagina de uma das filhas de Abe, para que o som da flauta, penetrando na vagina dela, a explodisse junto com todas as outras mulheres. No instante em que o filho dorminhoco de Abe ia soprar, *Gõãmũ* levantou a flauta até a altura do peito da mulher e soprou ele mesmo.

O som da flauta *barisērõbugu* desarvorou as mulheres, que caíram desacordadas e acabaram abandonando a maloca, em fuga, aí deixando as flautas sagradas. Uma das filhas de Abe levou consigo um pedacinho pequeno de uma das flautas, que escondeu na sua vagina.

Depois dessa fuga, os homens retomaram a maloca e se apoderaram de novo das flautas sagradas. As duas filhas de Abe fugiram chorando para o sul e nunca mais voltaram. Na baixada, escreveram numa pedra em Itapinima, no baixo Uaupés, abaixo de Taracué, a história de sua conquista das flautas sagradas.

5. O ROUBO DAS FLAUTAS SAGRADAS PELAS MULHERES: MITO E REALIDADE

O Mito “O roubo das flautas sagradas pelas mulheres” retrata um mito de origem que procura consolidar as conquistas originadas de um gênero frágil, uma sociedade feminina que busca espaço e libertação de uma sociedade patriarcal, representada pelos homens e seu líder “Abe Lua”, herói civilizador daquela comunidade.

O cipó “sumuseame”, uma espécie de remédio que serve para provocar vômito, revela o poder de expelir do organismo toda matéria estranha que tem dentro de si. Esse ritual apresenta-se com freqüência nos mitos, pois, revelam seu poder de cura e os homens de “Abe Lua” sabiam de que forma empregá-lo, além de sua origem e sua serventia na cura.

No que expõe Eliade *“se não se conta a origem do medicamento, não se deve utilizá-lo”* (ELIADE, 1994, p. 30). Nessa constituinte, todos conhecem a origem de cada espécie de erva utilizada como remédio, para cura de alguma mazela.

Em relação ao sono profundo apresentado pelo filho de Abe, há uma certa revelação sobre a desgraça do moço por sua preguiça, pelo ato de dormir continuamente eximindo-se de sua responsabilidade masculina na progressão ritual de um grupo.

Segundo Eliade, *“os homens não somente dormem como gostam de dormir [...] a ignorância e o sono são igualmente expressos em termos de embriaguez”* (ELIADE, 1994, p. 115). No que, através da revelação desse sono profundo, suas irmãs com tanta esperteza e coragem conseguiam tomar o lugar de seu irmão, até então reservado por seu pai.

Na expressão que diz respeito aos “dois pedaços de paxiúba que brilhavam como ouro”, esses instrumentos representam a origem das flautas sagradas que deveriam ser tocadas apenas pelos homens, ensinados pela “gente peixe” que não aceitavam a presença das mulheres com as flautas e se recusavam a ensiná-las a tocar, já que essa atividade era exclusiva do gênero masculino.

A flauta introduzida na vagina das moças para saber sua serventia, representava o pênis que, graças ao formato que possuía, não representava apenas um objeto que obtinha música, mas representava a virilidade masculina, reduzindo de certa forma, o sexo feminino a estágios pré-civilizacionais, caracterizando-se o poder masculino, sua virilidade representada pelo patriarcado.

Com o domínio das flautas, as mulheres dominaram toda a situação e invadiram a casa de “Abe Lua”, fazendo com que todos os homens assumissem as funções femininas, fazendo todo o serviço da casa, deixando-os envergonhados por essa dominação feminina.

Mas, diante da dominação das mulheres, os homens perceberam que foram prejudicados pela sonolência e preguiça do filho de Abe. Aquele que teria sido destinado a prosseguir os rituais de passagem que aquela comunidade masculina já havia conquistado. Daí então, decidiram tomar algumas atitudes para que o “rapaz dorminhoco” se reiterasse de suas funções.

No simples ato de mastigação de pimenta a que o rapaz foi submetido, representa um rito de passagem, no que cita Eliade *“ajuda o homem a ultrapassar seus próprios limites e condicionamentos, e incita-o a elevar-se para onde estão os maiores”* (ELIADE, 1994, p. 130).

Sobre o ato de mastigação, o rapaz dorminhoco libertou-se e mostrou-se capaz de integrar-se ao coletivo. E, diante do ato de despertar, Eliade esclarece que *“o mensageiro que desperta o homem de seu sono traz-lhe simultaneamente a vida e a salvação”* (ELIADE, 1994, p. 115).

Dessa forma, a morte do rapaz representa um retorno às suas próprias origens, e sua ressurreição está representada pela relação entre seus semelhantes constituindo-se que *“ele toma consciência de sua verdadeira natureza e desperta”* (ELIADE, 1994, p. 119).

O sopro para que as mulheres explodissem, constitui-se o ar como princípio não como começo da vida para as mulheres, mas como seus declínios e vivacidade dos homens, que retomavam sua civilização patriarcal ao qual deriva sua organização social.

Nesse sentido, o mito apresentado, procura consolidar as conquistas de um gênero frágil, marca o início de uma organização social, que de certa forma, lutou para libertar-se da dominação masculina, porém, suas conquistas não foram suficientes para seu fortalecimento e permanência na sociedade patriarcal, restando-lhes apenas a história de suas conquistas momentâneas, considerando que *“o mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente [...] é sempre, portanto, a narrativa de uma criação, ele retrata de que modo algo foi produzido e começou a ser”* (ELIADE, 1994, p. 11).

Portanto, o mito “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres”, revelam em sua origem, a má conduta da mulher que roubou o pedaço da flauta em sua vagina, o valor da música representada pelo som da flauta e o domínio do sexo masculino sobre o feminino, perdurando-se desde a “origem do mundo” até os dias atuais.

6. O MITO E O ENSINO DE CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

Diante da experiência em decifrar a compreensão do mito sobre “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres” numa perspectiva de mito e realidade, considera-se importante discutir o mito no ensino de ciências na Amazônia, considerando-se que este chão amazônida revela com grande essência a presença mítica, constituída por diversas etnias e sociedades, principalmente pelas sociedades ribeirinhas, aquelas em que até os dias atuais ainda mantém vivos alguns mitos relacionados à floresta, aos rios e aos costumes caboclos.

Os mitos da Amazônia ajudam a entender as “*facetas vitais do SER da nossa gente*” (BRAGA, 1984, p. 12), essas facetas compreendem a concepção do homem que habita essa terra, seus valores regionais trazem um significado fascinante para a compreensão de suas origens, de sua gente e do universo cultural transmitido de geração em geração.

Celdo Braga, no livreto Mito X Realidade (1984), apresenta mitos amazônidas que podem ser comparados à essência do mito “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres”, pois, esclarece que “*a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas*” (BRAGA, 1984, p. 20).

O mito “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres”, apresenta pedaços de árvores como instrumentos que emitem som, no caso a paxiúba, uma espécie de madeira de origem amazônida, utilizada pelos povos dos rios e das florestas, pelos ribeirinhos para construção de casas.

São também apresentados no mito em discussão, alguns gestos e rituais que retratam essa região, por exemplo: o simples ato de mascar revela atitudes regionais

que permeiam as localidades ribeirinhas, os chás de ervas com função de expelir todo e qualquer mal-estar.

Também assolam a cultura de algumas etnias amazônicas, os rituais de morte e ressurreição predominam sobre a libertação e renascimento caracterizado pelo boi-bumbá, que retratam culturas antepassadas.

O boto do Amazonas recorda com vivacidade a dominação do homem sobre a mulher amazonense e, remete como contradição ao exposto no mito “o roubo das flautas sagradas pelas mulheres”, a relutância da “Gente Peixe” que desconsiderou a presença das mulheres e não lhes ensinaram como tocar as flautas sagradas, considerando que o “Boto amazonense” só aparece para as mulheres e desconsidera a presença masculina às margens dos rios.

O mito como narrativa viva de uma criação humana, é *“um ingrediente vital da civilização humana, longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário, uma realidade viva”* (BRAGA, 1984, p 21).

Portanto, nessa realidade mítica, nessa contemporaneidade o mito está perdendo seu espaço cultural, já não é mais contemplado em sua essência para o ensino das novas gerações, o que implica em sua extinção da cultura dos povos, que deveria estar presente como forma de compreensão da linguagem através do retorno à sua origem.

Sendo assim, considera-se que o ensino de Ciências deve colaborar para que essa narrativa da realidade humana seja considerada como instrumento de ensino e aprendizagem da cultura, origem e permanência das conquistas de um povo.

O ensino de ciências poderá propiciar um resgate das formas de expressão do povo caboclo, da representação de suas origens culturais e das formas de representação da realidade vivida.

Uma alternativa que poderia colaborar com esse resgate cultural seria a exploração e reflexão das poucas manifestações culturais ainda existentes nessa região. Como, os rituais do Boi-Bumbá em Parintins e a Ciranda em Manacapuru.

Esses festivais reúnem multidões que prestigiam a beleza de suas apresentações, mas não refletem sobre sua origem, sobre a história dos povos primeiros que quiseram expor ao mundo seus costumes, suas crenças e sua cultura.

Dessa forma, sem uma preocupação voltada à verdadeira compreensão de mito e realidade, esses festivais estão gradativamente perdendo seu verdadeiro sentido e seu valor cultural, estão sendo adequados às necessidades mercadológicas que sistematicamente confundem sua “essência” e incluem elementos de “mais valia”, explorados pela mídia, pela evolução tecnológica e pelos interesses capitalistas.

8. CONSIDERAÇÕES

A total ignorância sobre a essência dos mitos e de seu valor como elemento vivo do comportamento humano, vincula a total idéia em desconsiderá-lo do currículo escolar, quando deveria estar incluso como meio natural da compreensão dos valores, dos grupos sociais e de sua cultura.

Talvez não haja uma compreensão real em relação aos mitos, por falta de esclarecimentos mitológicos que expressem o seu sentido em detrimento à total deficiência escolar que não introduziu e não considerou relevante a abordagem mítica para compreensão de fatos histórico-cultural a que fazemos parte.

Essa constatação eleva a curiosidade em compreender o mundo mitológico amazônico que, em seu esplendor cultural aborda condições reais do SER a uma projeção de busca dos saberes da Amazônia e sua validade cultural.

Nessa condição, considera-se o ensino de ciências como porta aberta para a introdução do conhecimento mítico, como caminho para reintegração desse saber no currículo escolar e como processo investigativo da cultura e comportamento humano do povo dessa região.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Celdo. *Mito x realidade: alto solimões Amazonas*. Manaus: [s/e], 1984.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1994.

KRÜGER, Marcos Frederico. *Amazônia: mito e literatura*. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PĂROKUMU, Umusi & KEHÍRI, Törãmu. *Antes o mundo não existia; mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã*. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT / FOIRN, 1995.



A ÉTICA E A POÉTICA DO AMAR COMO SENTIDO DE SER

Villian Costa²¹
Evandro Ghedin²²

RESUMO: O texto A Ética e a Poética do Amar como Sentido de Ser tem como objetivo apresentar a dimensão pedagógica da poética, uma reflexão sobre o destino do ser que é, sobretudo, a essência do amar a face do outro no sentido mais ético possível. O procedimento metodológico aqui utilizado neste texto reporta-se às pesquisas com referencial bibliográfico feito a partir do pensamento de Heidegger, Levinas, Buber, Arendt e poetas brasileiros como Machado de Assis e Guimarães Rosa. Foi a partir do resultado dessas leituras reflexivas que conscientizamo-nos do alcance pedagógico desse diálogo, pois a preocupação com o outro é uma aprendizagem. O resultado dessa pesquisa bibliográfica desperta-nos para a importância da ética como projeto humano e destino antropológico. A cumplicidade entre a ética e a poética é, essencialmente, um convite contemporâneo para uma pedagogia do cuidado com a face do outro, este que nos define e nos completa por inteiro. Acreditando, desse modo, que é possível construir um novo modo de fazer a vida, as ciências e o conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Poética. Pedagogia do Rosto. Cuidado Filosófico.

²¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Amazônia (UEA). Filósofa (UFAM). Prof.^a da Rede Estadual de Ensino (SEDUC). E-mail: villian_etica@hotmail.com

²² Doutor em Educação (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Amazônia (UEA). Mestre em Educação (UFAM). E-mail: ghedin@usp.br